

O Negócio das Enciclopédias

Edson Nery da Fonseca

Professor Titular e Diretor
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Universidade de Brasília

SINOPSE

As enciclopédias brasileiras e suas características. O precursor Alarico Silveira e a aventura do Instituto Nacional do Livro. Iniciativas de editores estrangeiros estabelecidos no Brasil. A mais recente enciclopédia: seus erros técnicos, inexatidões e lacunas. Incompetência do jornalista Carlos Lacerda como redator-chefe de enciclopédias.

Ao que parece, a publicação de enciclopédias tornou-se agora um excelente negócio no Brasil. Durante muitos anos, um editor norte-americano estabelecido no Rio de Janeiro explorou sozinho esse negócio, com a *Encyclopedia e Diccionario Internacional*¹. Quando ficou desmoralizada a tática de esconder os nomes de colaboradores inidôneos com a informação de que são "distintos homens de letras e de ciências", o referido editor — tristemente famoso por atentados ao texto das obras completas de Machado de Assis — mudou de nome e a obra também.²

Cronologicamente, a segunda enciclopédia brasileira foi o *Dicionário* organizado sob a direção do professor Álvaro de Magalhães. Trata-se, porém, de uma obra resumida, embora seja louvável o empenho da editora em atualizá-la freqüentemente.³ O verdadeiro precursor das enciclopédias no Brasil, entretanto, foi o insigne educador paulista Alarico Silveira (1878-1943), que dedicou toda a sua vida à elaboração de uma *Enciclopédia Brasileira*, cujos originais o Instituto Nacional do Livro deixou apodrecer em seus depósitos. O único volume publicado é suficiente para julgarmos notável tanto o trabalho de Alarico Silveira quanto o dos que o atualizaram, sob a direção de Américo Jacobina Lacombe⁴.

Enquanto as fichas de Alarico Silveira apodreciam, o Instituto Nacional do Livro gastava rios de dinheiro na elaboração de outra enciclopédia, da

qual foram publicados apenas planos, diretrizes e normas, num volume ilustrado com retratos do então Presidente da República e de seu Ministro da Educação e Cultura; o mesmo presidente que se apresenta como vítima da Revolução de 1964 e ainda encontra quem deplora sua condição de prescrito da vida pública.⁵ Os responsáveis diretos por essa aventura também continuam impunes, apresentando-se como filósofos e técnicos, quando não passam de simples *intelectuários*; para utilizar a excelente palavra criada por José Lins do Rego e destinada a qualificar os funcionários *soi disant* intelectuais.

Em 1960, um editor francês também estabelecido no Brasil publicou a nossa primeira enciclopédia não alfabética, resultante da tradução e adaptação do *Larousse Méthodique*.⁶ Com os lucros resultantes da larga distribuição dessa obra, a Editora Delta organizou, sob a direção de Antônio Houaiss, uma equipe de competentes especialistas que elaborou a *Grande Enciclopédia, Delta Larousse*.⁷ O mesmo caminho seguiu o editor norte-americano da *Encyclopaedia Britannica*, adquirida pela Sears, Roebuck & Co. e posteriormente revendida à Universidade de Chicago.⁸ Os lucros obtidos com a publicação, em 1964, da *Enciclopédia Barsa* e, depois, de seus anuários, proporcionaram a contratação de Antônio Houaiss e de quase toda a sua equipe, objetivando a publicação, em 1974, da *Enciclopédia Mirador Internacional*. Anunciada como "primeira enciclopédia genuinamente brasileira" — o que não é verdade, pois trata-se de uma adaptação ao Brasil da *Hutchinson's New 20th Century Encyclopaedia*, segundo informação escondida na última página do volume 8 — publica-se agora a *Enciclopédia do Século XX*, sob a responsabilidade conjunta da Editora Expressão e Cultura e da Livraria José Olympio

Editora. Diga-se de passagem que a *Hutchinson's New 20th Century Encyclopaedia* é uma ilustre desconhecida, mesmo entre os especialistas no gênero, como Collinson,¹¹ Malclès,¹² Walford¹³ e Winchell¹⁴. A parte brasileira foi elaborada por uma equipe em que se destacam notáveis especialistas como José Roberto Teixeira Leite, Evanildo Bechara e outros, humilhados pela companhia de grandes ignorâncias gerais especializadas nisso e naquilo, sob a direção do conhecido político Carlos Lacerda, homem de letras antes pretendidamente literárias e hoje literal e confessadamente imobiliárias.

Que um organizador de enciclopédias não se improvisa sabem todos os conhecedores da história do gênero. Este não começou, como geralmente se pensa, com a *Encyclopédie* de d'Alembert e Diderot.¹⁵ No Brasil, Antônio Houaiss tornou-se o mestre incontestado na matéria. Seus artigos de crítica ao planejamento da nati-morta Enciclopédia Brasileira do Instituto Nacional do Livro são magistrais e irresponsáveis.¹⁶ O trabalho de editoria geral da *Grande Enciclopédia Delta Larousse* demonstrou que ele sabe fazer e não apenas criticar, malgrado os inúmeros erros técnicos, as omissões e as inexatidões que, entretanto, não chegam a sobrepujar as qualidades dessa obra monumental, como já tive oportunidade de assinalar.¹⁷

Foi, portanto, com estranheza que vimos as editoras Expressão e Cultura e José Olympio — sempre cuidadosas na escolha de seus colaboradores — entregarem a organização de uma enciclopédia ao jornalista Carlos Lacerda, homem inteligentíssimo e personalidade fascinante, porém disperso e tumultuado. Ele mesmo saudou o aparecimento da obra que organizou com um artigo significativamente intitulado "A Enciclopédia como passatempo".¹⁸

"Com a indispensável colaboração de alguns especialistas" — escreveu nesse artigo o Sr. Carlos Lacerda — "conseguimos fazer um trabalho que, apesar dos erros inevitáveis e lacunas sempre existentes no gênero, tem algumas vantagens como a objetividade, a isenção". Não me parece que a objetividade e a isenção sejam propriamente vantagens nas enciclopédias: sendo objetivas e imparciais elas não fazem mais do que cumprir a sua obrigação.

O curioso é que o artigo do Sr. Carlos Lacerda foi publicado com o confessado objetivo de reproduzir "o único verbete da Enciclopédia que, muito de propósito, contém matéria opinativa". Trata-se da biografia de Rui Barbosa, que o Sr. Carlos Lacerda escreveu "de ponta a ponta", com a intenção de "dar às gerações presentes e futuras um retrato de Rui Barbosa, de corpo inteiro".

Por mais importante que se considere um escritor, um artista, um cientista, um estadista ou um

militar, não é admissível que seja objeto de verbete opinativo, pelo menos em enciclopédias de países democráticos. Verbetes opinativos ficam bem na *Bol'shaia Sovetskaia Entsiklopsdiia*.¹⁹ Se o Sr. Carlos Lacerda considera Rui Barbosa como o maior dos brasileiros e, por isso, digno do único verbete opinativo de uma enciclopédia, outros terão o direito de contrapor ao eminente baiano os nomes de um José Bonifácio, ou de um barão do Rio Branco, ou de um Joaquim Nabuco, ou de um cuque de Caxias etc.

A própria biografia de Rui Barbosa na *Enciclopédia do Século XX* é um exemplo da inconveniência de verbetes opinativos, além de caracterizar-se por um estilo bombástico, mais de oratória do que de enciclopédia. Propondo-se a revelar "fatos importantes" e "lances exemplares ainda pouco conhecidos", o Sr. Carlos Lacerda não faz mais do que indicar detalhes insignificantes e até jocosos — como o do embarque para um exílio em Buenos Aires "com crise hepática e diarreia" — elogiando, ainda, episódios condenáveis, como, por exemplo, a queima dos arquivos da escravidão — talvez o exemplo mais gritante de desprezo pela documentação no Brasil — e os ataques ao projeto do Código Civil, limitados a questiúnculas gramaticais e — o que é pior — ditados pelo despeito de ver entregue ao não menos competente Clovis Beviláqua o trabalho para o qual se julgava o único autor capaz.

Encontro na *Enciclopédia do Século XX* os mesmos erros técnicos e até as mesmas inexatidões que ocorrem nas enciclopédias brasileiras anteriores, comprovando um trabalho antes de cópia do que o "exercício de concisão e, ao mesmo tempo, de integridade" a que se refere o Sr. Carlos Lacerda em seu artigo.

Considero como erros técnicos (1) a separação entre a enciclopédia propriamente dita (volumes 1-8) e o dicionário da língua portuguesa (volumes 9-13) que, sendo ilustrado, excede aos limites da lexicografia; (2) a falta de planejamento da atualização ou, pelo menos, de informação sobre este importante aspecto das enciclopédias; e (3) os critérios adotados na intitulação dos verbetes onomásticos e temáticos.

Nos verbetes onomásticos, em vez do respeito universal à forma através da qual os nomes se tornaram tradicionalmente conhecidos, optou-se pela reprodução dos registros civis, opção de que resultam exemplos hilariantes, como é o caso do próprio Rui Barbosa, cujo verbete se intitula "BARBOSA de Oliveira, RUI (1849-1923)". Se não fossem os anos de nascimento e morte, seria o caso de perguntar se esse Rui Barbosa não é alguém da família Oliveira que recebeu, no batismo, o nome completo do grande brasileiro, como outros receberam os prenomes de Getúlio Vargas e até de Plínio Salgado.

Essa forma abstrusa transforma a procura de certos verbetes num verdadeiro labirinto, como é também o caso de Manuel Bandeira, cuja biografia se intitula "BANDEIRA Filho, Manuel Carneiro de Sousa", lembrando o "jogo onomástico" do próprio poeta:

"Manuel Bandeira
(Sousa Bandeira.
O nome inteiro
Tinha Carneiro.)

Eu me interrogo:
— Manuel Bandeira?
Quanta besteira!
Olhe uma cousa:
Por que não ousa
Assinar logo
Manuel de Sousa?"²⁰

A experiência demonstra que, ressalvado o caso dos espanhóis e hispano-americanos — em face da tradicional origem matronímica do último sobrenome — as *entradas* pelo penúltimo sobrenome devem ser reduzidas às conhecidas exceções, como Castelo Branco, Ouro Preto etc. Não há justificação para *entradas* como "DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos" e outras semelhantes. Esta é a lição de um bibliógrafo da experiência de Rubens Borba de Moraes.²¹

São muitos os verbetes temáticos intitulados com fórmulas literalmente traduzidas do inglês e em desacordo com a tradição luso-brasileira, como, por exemplo, "Acadêmica, Arte", "Brasileira, Literatura", "Bíblicas, Sociedades", "Britânica, Comunidade", "Chinesa, Arte", etc. Seguiu a *Enciclopédia do Século XX* o mau exemplo da *Enciclopédia Barsa*, neste ponto justamente criticada pelo professor Wilson Martins.

Sendo qualquer enciclopédia o fruto do trabalho de um grupo interdisciplinar, só uma equipe dessa natureza poderia apontar todas as omissões e inexatidões. Como observou o nosso colega inglês C. D. Needham — professor da North Western Polytechnic School of Librarianship — "no one is competent to review such a work and anyone who tries to do so must surely come to the conclusion that he is rather less qualified than most. (. . .) Inevitably the reviewer has to select — and there's the rub: for how can the selection be representative when in the nature of things it must be comparatively small and bounded by the limited knowledge of the reviewer? And if it isn't representative how can generalizations be made? And if generalization is abandoned what is the value of what remains: a recital of more or less arbitrary findings?"²³

Embora consciente de que as omissões e inexatidões adiante indicadas não são mais do que "um recital de descobertas mais ou menos arbitrárias", tenho o direito de, se não generalizar, pelo menos

suspeitar que omissões e inexatidões também ocorrem em verbetes dedicados a assuntos que não são do meu limitadíssimo conhecimento. Começarei pelas inexatidões, muito mais graves do que as omissões, sendo estas uma espécie de pecado original tanto das enciclopédias quanto das bibliografias.

Seguindo a ordem alfabética, assinalo, primeiramente, no verbete BIBLIOTECA, dois erros de classificação: (a) onde está "quanto à clientela" deve estar "quanto à ação" e vice versa (cf. v. I, p. 285); (b) as bibliotecas gerais classificam-se em eruditas e populares, sendo a palavra "enciclopédica" redundante, porque sinônima de "geral".

O verbete sobre Gilberto Freyre parece haver sido copiado da *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, porque repete duas inexatidões em que esta incorreu, ao informar que o autor de *Casa-Grande & Senzala* dirigiu a revista *Província do Recife* (que não era revista, mas jornal e se intitulava *A Província*) e ao indicar, entre seus livros *Seis conferências à procura de um leitor* quando a obra se chama *6 conferências em busca de um leitor* (trata-se, aliás, de uma edição da Livraria José Olympio!...).

E evidente que, em obras de referência, tais pormenores são importantes. Deles podemos dizer o que Machado de Assis escreveu das "coisas das" na crônica sobre *O Velho Senado*: E difícil fugir a elas".

O verbete sobre Gilberto Freyre é, ainda, sintético demais em relação aos dedicados a outros escritores contemporâneos da mesma categoria, como, por exemplo, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Destes foram indicados todos os livros, sendo os verbetes constituídos por 55 e 46 linhas, respectivamente; de Gilberto Freyre mencionou-se apenas algumas obras, tendo o verbete 24 linhas. A *Enciclopédia Barsa* foi mais justa com o grande sociólogo brasileiro, internacionalmente conhecido, dedicando-lhe um extenso verbete, assinado pelo ensaísta Francisco de Assis Barbosa. No verbete dedicado a Brasília — aliás limitadíssimo para a nova Capital do Brasil, pela qual o Sr. Carlos Lacerda sempre demonstrou particular ogeriza — indicam-se os palácios dos Poderes Executivo e Legislativo, omitindo-se o do Supremo Tribunal Federal (cf. v. 2, p. 370-371).

Informática é assunto que, pela sua contemporaneidade, deveria ter tido melhor sorte numa enciclopédia que se intitula *do século XX*. O verbete (cf. v. 4, p. 1085) informa que a palavra corresponde à expressão inglesa *computer science* e foi cunhada pelo russo A. I. Mikhailov e pelo francês Philippe Dreyfus por ocasião de um congresso internacional de documentação realizado em Tóquio. Isto é menos *história* do que *estaria*. Distingamos: (a) a palavra corresponde ao francês *informatique*

(língua em que foi pela primeira vez escrita, como veremos), ao alemão *Informatick* e ao inglês *informatics*; (b) dizer que ela corresponde a *ciência dos computadores* é confundir o tratamento lógico e automático da informação com um dos instrumentos desse tratamento: o computador eletrônico; (c) quando Mikhailov empregou a palavra em artigo publicado em 1966 — considerando-a, aliás, um "novo nome para a informação científica", o que é discutível — já o francês Phillippe Dreyfus havia divulgado o artigo "L'Informatique" na revista *Gestion* de junho de 1962.²⁴

O verbete a respeito de Bento Teixeira divulga informações e dúvidas que têm mais de dez anos de atraso. Depois do estudo de José Antônio Gonsalves de Melo, sabe-se que o autor do primeiro poema escrito no Brasil nasceu exatamente em 1561 e morreu em 1600.²⁵

Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação são matérias totalmente ausentes da *Enciclopédia do Século XX*: tanto do seu texto quanto do índice, que arrola temas sem verbetes autônomos. Há tempos o Sr. Carlos Lacerda manifestou seu desprezo pela Biblioteconomia, considerando-a como "simples arrumação, catalogação e defesa dos livros".²⁶ Numa enciclopédia, porém, seria mais conveniente considerar os conceitos de um José Ortega y Gasset e de um Abraham A. Moles. Depois de profetizar a emergência de "una nueva técnica bibliográfica de un automatismo rigoroso", o grande ensaísta espanhol escreveu: "En esta dimensión de su oficio imagino al futuro bibliotecário como un filtro que se interpone entre el torrente de los libros y el hombre".²⁷ Para Abraham A. Moles, "la fonction de documentalist revêt une très grande importance philosophique" e "une théorie générale de la documentation est en soi une théorie générale de la culture".²⁸

A omissão mais grave, entretanto, é a do próprio Sr. Carlos Lacerda que, por uma espécie de coquetismo — semelhante ao de seu antípoda Antônio Houaiss na *Grande Enciclopédia Delta Larousse* — decidiu não ser objeto de verbete na *Enciclopédia do Século XX*.²⁹ Evidentemente, o caso é menos de humildade que de farisaísmo. Porque em certas ausências — como em determinados atos de humildade — é visível a intenção de destaque. "Brilhar pela ausência" não é uma locução de sentido apenas irônico.

Com semelhante redator-chefe, a *Enciclopédia do Século XX* não tem condições de tornar-se uma obra de referência acatada, mesmo se reformulados os critérios, corrigidas as inexactidões e preenchidas as lacunas. O que é realmente lamentável, pois há muitos verbetes excelentes e o aspecto material é inatacável, como todos os produtos gráficos da AGGS (Artes Gráficas Gomes de Sousa): papel, composição e ilustrações de boa qualidade, diagramação moderna, formato prático e sólida enca-

dernação. As editoras José Olympio e Expressão e Cultura devem procurar outro redator-chefe, pois o Sr. Carlos Lacerda, que é um próspero editor de *best-sellers* traduzidos fracassou, estrondosamente no complexo negócio das enciclopédias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 *Encyclopedia e Dictionario Internacional, organizado e redigido com a colaboração de distintos homens de sciencia e de lettras ...* Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1936. 20 v.
- 2 *Enciclopédia Brasileira Mérito*. Rio de Janeiro, Editora Mérito, 1959-64. 20 v.
- 3 MAGALHÃES, Álvaro de, ed. *Dicionário enciclopédico brasileiro ilustrado*. Porto Alegre, Globo, 1943. 1.557 p. 6. ed: 1957. 2 v.
- 4 SILVEIRA, Alarico. *Enciclopédia Brasileira ... Edição patrocinada pela Fundação Edmundo Bittencourt. Tomo I: A-Anzol-de-tenda*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958. LIX, 589 p. Organizador: Américo Jacobina Lacombe; Editor-de-texto: Celso Ferreira da Cunha; Colaboradores: Adriano da Gama Kury, Ayla Martins, Carlos Potsch, Hélcio Martins, Leonam de Azeredo Pena, Maria Matta Machado, Nelson Rossi, Newton de Almeida Rodrigues, Orlando Valverde e Zulmira Faria; Assistência especial: Antônio Houaiss. É interessante notar que, pelo menos no exemplar de minha propriedade, o último verbete não é, como está indicado na folha-de-rosto, "Anzol-de-tenda" e sim "Antônio Prado".
- 5 CANNABRAVA, Euryalo & RIBEIRO, Paulo de Assis. *Enciclopédia Brasileira; introdução, diretrizes, normas gerais*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957. 183 p. Prefácio de José Renato Santos Pereira, então Diretor do INL.
- 6 *Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1960. 15 v.
- 7 *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1970. 12 v.
- 8 TEBBEL, John. Artigo publicado na *Saturday Review* (New York) de 10 de fevereiro de 1968. Apud Xavier, Lívio. "O segundo centenário da 'Enciclopédia Britânica' (Saturday Review)". *O Estado*

- de S. Paulo, 11 de maio de 1968, Suplemento Literário, p. 6.
- 9 *Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica, 1964. 16 v. *Livro do Ano Barsa 1965*— Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica, 1965—
- 10 *Enciclopédia do Século XX*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora e Editora Expressão e Cultura, 1972. 13 v. Re-dator-chefe: Carlos Lacerda. Enciclopédia: v. 1-8 (2.391 p.); Dicionário, elaborado sob a supervisão de Evanildo Bechara: v. 9-13 (1.632 p.). índice: v. 8, p. 2.173-2.391.
- 11 COLLINSON, R. *Encyclopaedias; their history throughout the ages*. New York & London, Hafner, 1964. 319 p.
- 12 MALCLÉS, L.-N. *Les sources du travail bibliographique*. Genève, E. Droz; Lille, Giard, 1950, t. I, p. 213-224.
- 13 WALFORD, A. J. *Guide to reference material* 2. ed. London, The Library Association, 1970, p. 90-95.
- 14 WINCHELL, Constance M. *Guide to reference books*. 8. ed. Chicago, American Library Association, 1967, p. 81-91.
- _____ *ist. supplement*, 1965-66. Chicago, A.L.A., 1968, p. 11-12.
- 15 GANDILLAC, Maurice de. Encyclopédies pré-médiévales et médiévales. In: UNESCO. Commission Internationale pour une Histoire du Développement Scientifique et Culturel de l'Humanité. *La pensée encyclopédique au moyen age*. Neuchatel, Éditions de la Balconnière, 1966, p. 7-42.
- 16 HOUAISS, Antônio. Sobre o problema da averbação enciclopédica. *Revista do Livro* (Rio de Janeiro) 6:7-21, junho 1957.
- A Enciclopédia Brasileira. *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) .11 de agosto de 1957, 3. Caderno, p. 3.
- "Ainda a Enciclopédia Brasileira". *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) 18 de agosto de 1957. 3. Caderno, p. 1. Vide sobre o assunto, Cannabrava, Euryalo. "A propósito da Enciclopédia Brasileira". *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) 2 de novembro de 1957, Suplemento Literário, p. 2 e 4.
- 17 FONSECA, Edson Nery da. Elogio e crítica de uma grande enciclopédia. *Correio Braziliense* (Brasília) 4 de dezembro de 1970, Caderno Cultural, p. 3.
- 18 TAVARES, Júlio, pseud. de Carlos Lacerda. A Enciclopédia como passatempo. *O Estado de S. Paulo*, 16 de julho de 1972, 11. Caderno, p. 207.
- 19 *Bol'shaia sovetskaia entsiklopediia; pod obschchei redaktsiei N. I. Bukharina, V. V. Kuibysheva ... glavnyi redaktor O. IU. Shmidt* (Grande enciclopédia soviética, sob a editoria geral de ...). Moskva, "Sovetskaia Entsiklopediia", 1926-34. 32 v.
- 20 BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*, 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1970. p. 316.
- 21 MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969, p. XVI-XVII.
- 22 MARTINS, Wilson. Em ordem alfabética. *O Estado de S. Paulo*, 19 de dezembro de 1964, Suplemento Literário, p. 2.
- 23 NEEDHAM, C. D. "Britannica 1967; a vision of visions". *Library Association Record* (London) 69(11):373-394, November 1967 (o trecho citado está na p. 373).
- 24 DREYFUS, Phillippe. L'Informatique. *Gestion* (Paris) 5e année, juin 1962, p. 240-241, MIKHAILOV, A. I. et alii. Informatics — a new name for the scientific information. *Nauchno-Technicheskaya Informatsiya* (Moscou) v. 12, p. 35-39, 1966 (apud *Library Science Abstracts* (London) v. 18, n. 2, p. 273, April/June 1967). Agradeço a Laura Maia de Figueiredo a indicação do artigo de Phillippe Dreyfus e ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação o fornecimento da respectiva reprodução.
- 25 MELO, José Antônio Gonsalves de. "Bento Teixeira, autor da Prosopopéia". In: — *Estudos Pernambucanos*. Recife, Imprensa Universitária, 1960, p. 5-43.

E. N. DA FONSECA

- 26 TAVARES, Júlio, pseud. de Carlos Lacerda. Mais cultura sobre a ignorância. *O Estado de S. Paulo*, 8 de março de 1970.
- 27 ORTEGA Y GASSET, José. *Misión dei bibliotecário y otros ensayos afines*. 2. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1967, p. 89 e 91.
- 28 MOLES, Abraham A. *Sociodynamique de la culture*. Paris, Mouton, 1967, p. 294.
- 29 No *Anuário Delta Larousse 1972* (Rio de Janeiro, Editora Delta, 1972) corrigiu-se a omissão da *Grande Enciclopédia Delta Larousse* com um excelente verbete sobre António Houaiss.

SYNOPSIS

Brazilian encyclopaedias, its history and characteristics. The pioneer work of Alarico Silveira and the adventure of the National Institute of the Book. Activities of foreign publishers established in Brazil in the field of encyclopaedias. The most recent work: its technical mistakes, inexactness, and omissions. Incapacity of the journalist Carlos Lacerda as editor of encyclopaedias.